

JORGE ALVES BARBOSA

A Liturgia como Jogo

Cerimónias e rituais são elementos constitutivos da actividade de grupos, instituições e associações, nomeadamente ao nível iniciático. Ainda que esses rituais não assumam, desde logo, uma dimensão litúrgica nem dela se aproximem, podem servir de caminho para a sua compreensão e vivência, afirmando-se, por vezes, como eficaz propedêutica e metodologia em ordem à preparação das celebrações. O atractivo de alguns rituais apresenta-se como uma das grandes motivações para a participação dos jovens em movimentos educativos de que o escutismo é exemplo paradigmático: uma natural vaidade humana serve de motivação para a procura do progresso – dizia Baden Powell – para a obtenção de um diploma, para a exibição de uma insígnia, para a vivência de um ritual ainda que exigente e menos agradável. É este caminho de formação que nos propomos percorrer.

1. O significado do “Jogo”

Foi precisamente a experiência vivida nas actividades lúdicas dos mais novos e sobretudo nas acções de formação dos dirigentes adultos do movimento escutista, aliada à procura de uma melhor fundamentação, a despertar-me para a

relação entre a *teoria do jogo* e a Liturgia.¹ À partida, falar da Liturgia como um “jogo”, soa estranho, nomeadamente para meios menos abertos, sobretudo nos dias de hoje, já que o conceito de jogo leva de imediato consigo o significado de “brincadeira”, sugere leviandade futilidade, banalidade, irresponsabilidade para não dizermos que, em certos casos, a palavra jogo leva consigo a carga moral negativa de “vício”. A este propósito, o teólogo Jürgen Moltmann refere com humor a diversidade de termos com que o seu livro “sobre o jogo” foi traduzido nas diferentes línguas, em função de diferentes sensibilidades.² O mesmo autor assinala, com propriedade, que já os antropólogos Johan Huizinga³ e Gerhardus van der

¹ Este trabalho de formação foi realizado sobretudo entre os anos 2004-2008, enquanto membro da Equipa Nacional da Formação de Adultos no Escutismo, tendo acrescentado a esta perspectiva no contexto litúrgico várias outras, nomeadamente em relação à teologia e mesmo à interpretação da Sagrada Escritura, nas reflexões realizadas no mesmo contexto de formação. Daí foi crescendo o interesse pessoal pelo tema. Só agora, mais de dez anos depois, retomando a reflexão sobre o tema, pude contactar com as obras mais marcantes como a *Formação Litúrgica* de Guardini ou *O homem que joga* de Hugo Rahner.

² JÜRGEN MOLTMANN, *Sul gioco*, Ed. Queriniana, Brescia, 1988, p. 110. Da mesma forma se exprime Aldo Terrin ao justificar o facto de ter sido rejeitada nos tempos mais recentes e por certos espíritos mais conservadores esta relação entre o jogo e a Liturgia (ALDO NATALE TERRIN, *Liturgia come gioco*, Ed. Morcelliana, Brescia, 2014, p. 5-6).

³ JOHAN HUIZINGA, *Homo ludens*, Ed. Einaudi, Torino, 2002.

Leeuw⁴ demonstraram que a religião não deriva da indigência, mas antes do *jogo* fundado na figuração e na fantasia”.⁵ Efectivamente “a relação do jogo com o culto ou a Liturgia encontra-se já manifesta nas religiões primitivas e no âmbito da linguagem mitológica. O mito é uma das formas de transfiguração da realidade nas quais o jogo encontra um significado particular; dessas transfigurações, a cultural é a mais significativa; em cada uma das figurações caprichosas de que o mito reveste a existência, há um espírito engenhoso que joga sob os limites entre a brincadeira e a seriedade. E então vem o culto”.⁶ Por isso mesmo, Hugo Rahner fala de um “jogo alegremente sério”.⁷ Ora, tendo em conta esta relação entre

⁴ GERHARDUS VAN DER LEEUW, *In der Himmel ist ein Tanz*, (it. *In cielo c'è una danza*).

⁵ “Na festa que celebravam com os deuses, os homens não se limitavam a esconjurá-los magicamente para que os ajudassem nas suas necessidades, mas apresentavam-se até, com a sua própria vida, perante a realidade completamente diferente dos deuses, por forma a restabelecer com eles as relações estabelecidas no início dos tempos. O homem antigo jogava na religião, nos seus actos de culto e nas suas festas” (J.MOLTMANN, *o. cit.*, p. 87). Nesta linha vão alguns antropólogos que se dedicaram ao estudo do jogo como Roger Caillois com *I giochi e gli uomini*, Hugo Rahner com *Der spielende Mensch*, Jean Piaget e sobretudo Claude Lévi-Strauss, em *L'Homme Nu*.

⁶ JOHAN HUIZINGA, *o. cit.*, p. 8.

⁷ HUGO RAHNER, *Der spielende Mensch*, Einsiedeln, 1952; Tradução italiana, *L'Uomo che gioca*, Ed. Medusa, Milano, 2017. Não se trata de uma expressão propriamente escrita por este autor, mas de algo que resume

jogo e ritualidade pergunta Johan Huizinga: “poderia seguir-se em frente com esta sucessão, até às práticas de culto, atestando que também o sacerdote que cumpre os actos rituais, não faz senão efectuar o seu jogo?”⁸ Queremos responder afirmativamente e vamos dizer porquê.

toda uma linha de pensamento que aponta a relação entre o riso e a seriedade como uma das condições da eficácia do jogo; como já dizia Platão, “não há jogo sem profunda seriedade e até as crianças ao jogar se inserem, com uma força quase mítica, no círculo do dever absoluto” (cit. a p. 48). Esta relação entre jogo e seriedade é tipificada pelos Padres da Igreja nas figuras bíblicas de Isaac (“riso”) e Rebeca (“paciência”), aludindo a uma passagem de Gen 21, 6, onde o rei Abimelech surpreende o casal num “jogo” amoroso que desmente o facto de Isaac lhe ter apresentado a esposa como sua irmã (p. 62). Este episódio dá origem à doutrina de Filão de Alexandria sobre o “jogo da vida” e leva Clemente de Alexandria a escrever: “Oh sábio jogo infantil! É um sorriso apoiado na paciência e o espectador é o rei. Sereno é o espírito daqueles que são crianças em Cristo e que caminham na paciência. Sim, este é o divino jogo infantil” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Pedagogo*, 1, 5.21) (cit. por H. Rahner a p. 65). Seguindo o pensamento de Máximo o Confessor, entre outros autores, acerca da seriedade do jogo e da referida alegoria de Isaac e Rebeca, Santo Agostinho escreveria: “Que é que se haveria propriamente de dizer do mistério entre Cristo e a Igreja quando um patriarca da grandeza de Isaac joga com a sua esposa e precisamente daí se concluiu que estavam maritalmente juntos? A verdade só a compreende quem reflecte com amor sobre o mistério alegórico daquele homem na Sagrada Escritura (SANTO AGOSTINHO, *Contra Fausto*, 22, 46, cit. a p. 70-71). Os Padres da Igreja tomarão ainda no mesmo sentido o texto do profeta Zacarias: “As ruas de Jerusalém estarão repletas de meninos e meninas que jogam” (Zac 8, 5).

⁸ JOHAN HUIZINGA, *o. cit.*, p. 34.

Quando falamos de Liturgia como jogo é evidente que não o fazemos a partir da aceção mais comum nem muito menos da negativa, mas vendo-o como “forma espontânea de intermediação”, ou seja, como forma de relacionamento e interacção com os outros, vivida particularmente pelas crianças e pelos jovens.⁹ A organização e a dinâmica de funcionamento dos jogos que marcam o crescimento destes, constituindo-se como elemento básico na sua integração e vivência social, dá pelo nome de “*jogo social espontâneo*”; tal expressão define uma forma de organização e de acção que funciona como condição para o êxito de uma actividade, mas resultará ainda como exemplo da estruturação e eficácia da acção de um grupo, de uma equipa, de um clube, de uma empresa, de uma sociedade, etc.

A inquietude presente no coração humano – como já advertia Santo Agostinho – é algo que nos leva a exigir a existência de Deus; por isso mesmo, cremos que o dinamismo e insatisfação próprios das idades juvenis tantas vezes expressos na vontade de vencer os seus jogos que nos ajudarão a conduzi-los até Ele. Se é verdade que, pelo Jogo, a criança, o adolescente e o jovem, e – porque não? – o adulto, são capazes de concretizar os seus sonhos de conquista, de auto-superação, de realização

⁹ A colectividade primitiva cumpre as acções sacras que lhe servem de garantia para a saúde do mundo e as suas consagrações, os seus sacrifícios, os seus mistérios, com jogos autênticos no mais estrito sentido da palavra” (JOHAN HUIZINGA, *Idem*, p. 8).

peçoal, não poderemos, por este meio, empreender uma caminhada que os conduza à relação com o simbólico e o transcendente, em ordem à comunhão com o mundo do divino? Eis a razão e o fundamento da nossa reflexão sobre a “Liturgia como jogo”.

2. O “Jogo social espontâneo”

“O jogo tem sempre como pressuposto a inocência. Só os inocentes, isto é, as crianças e os livres de culpa, quer dizer, os amados, podem jogar”.¹⁰ Para as crianças, o jogo é uma forma de antecipação da vida real, um ensaio para a vida que se segue sem envolver ainda o seu peso e seriedade. É por isso que as crianças e jovens facilmente organizam os seus jogos e criam códigos a que se submetem voluntariamente com o único objectivo de “jogar”. A essa forma de organização chamamos, como foi dito, “jogo social espontâneo”.¹¹ Há seis elementos que garantem o seu funcionamento e eficácia. Seja jogando aos polícias e ladrões, seja aos índios e cowboys, seja à bandeira ou apanhada, sempre esses seis elementos deverão estar presentes no jogo das crianças. São eles:

¹⁰ JÜRGEN MOLTMANN, *o. cit.* p. 52.

¹¹ A abordagem do jogo social espontâneo é feita por Johann Huizinga, mas este autor não apresenta todos os elementos que apontaremos de seguida (Cfr. JOHAN HUIZINGA, *o. cit.*, p. 38).

- 1) *Acção* ou actividade que constitui o jogo propriamente dito qualquer que ele seja.
- 2) *Espaço* onde o jogo se desenrola e que é de certa forma construído ou lido em função de cada jogo: o “farwest”; um bairro, um campo de batalha, um continente...
- 3) *Imaginário* que dá sentido e identifica a acção e o espaço: batalha naval; guerras americanas; expansão ou conquista do espaço...
- 4) *Grupos* ou equipas que disputam o jogo, sempre pelo menos duas, pois de contrário o jogo não funciona. Este jogo é sempre social, nunca individual ou entre duas pessoas apenas.
- 5) *Cargos* ou funções: dentro do grupo, um é comandante, outro é cavaleiro, um é o chefe da quadrilha, outro atirador, etc...
- 6) *Regras*: podem até ser definidas pelos próprios elementos dos grupos em disputa, mas uma vez aceites é essencial que sejam cumpridas por todos sob pena de o jogo ser interrompido porque alguém fez batota...

3. A Liturgia como “jogo”

3.1 - Jogo e ritualidade

“O jogo não serve para nada, por si mesmo, mesmo que garanta uma série de módulos comportamentais consolidados ao longo da evolução ontogenética; todavia está na base de uma ritualidade que é comum, em primeiro lugar no indivíduo

e depois no público, não privada, inconsciente porque colectiva, não porque preceda a consciência. Este é o lugar onde vale a pena insistir, se se quiser dizer hoje algo sobre o jogo. Jogar é divino porque o ser humano, individualmente, é incapaz de jogar da mesma forma que é incapaz de rezar. Jogar é um paradoxo ao mesmo tempo teológico e antropológico porque assinala o limite entre o divino e o humano, o limite que tem uma consistência necessariamente pública, ou seja, litúrgica: um acto a levar a cabo em conjunto, cuja verdade pertence ao conjunto dos gestos”.¹² Nestas palavras podemos considerar resumida toda uma doutrina sobre a dimensão teológica do jogo, apontada já pelos filósofos gregos, de Heráclito a Platão; o filósofo Plotino considerava o homem como “um brinquedo nas mãos de Deus”. São conhecidos os textos bíblicos que apontam para a mesma doutrina com relevo para Prov 8, 30 e Sab 32, 15.

Uma teologia do jogo assenta em primeiro lugar na gratuidade que marca a acção de Deus, desde a criação à revelação, uma gratuidade que exige da parte do homem a atitude desinteressada da criança que realiza o jogo pelo jogo; por isso, se diz que o Reino de Deus é dos que são como as crianças (Mt 19, 14). Esta visão lúdica da teologia foi desenvolvida com bastante relevo nos primeiros tempos da história do cristianismo nomeadamente por alguns Padres da

¹² MARTINO DONI, *“Gioco, Dio, Uomo, Il paradosso ludoteandrico”*, introdução à edição italiana do livro de H. Rahner *L’ Uomo che gioca*.

Igreja e teólogos que beberam na filosofia grega, indo até São Tomás de Aquino;¹³ Clemente de Alexandria definia a vida como “um divino jogo de crianças”. Mais recentemente, esta teologia foi particularmente explanada na obra de Hugo Rahner, *Der spielende Mensch*,¹⁴ publicada em 1952; aí este autor, sensível já às intuições de Romano Guardini, procura fazer um paralelo teológico com as obras dos antropólogos já conhecidos, desenvolvendo particularmente a ideia de jogo no sentido de “representação”, já que o conceito alemão de jogo (“spiel”) está na base de expressões como “jogar”, “representar” ou “tocar um instrumento”, remetendo-nos desde logo para a conhecida frase de Evangelho: “tocámos para vós e não dançastes, entoámos lamentações e não chorastes” (Mt 11, 16, 17).¹⁵ A mesma ideia encontra-se

¹³ São Tomás, seguindo Aristóteles na *Ética a Nicómaco*, abordará a questão do equilíbrio entre a seriedade e o riso na reflexão dedicada ao “homo ludens” (SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Theologica*, II-II, q.168).

¹⁴ Obra também citada pela expressão latina “*Homo ludens*”, título do estudo realizado por Johan Huizinga. Seguimos este autor no breve apontamento que aqui apresentamos sobre a teologia do jogo. Ele estrutura este pequeno ensaio em três significativos capítulos: *Deus Ludens*, *Homo ludens*, *Ecclesia ludens* a que acrescenta um outro sobre *La dança celeste*. No terceiro capítulo encontramos os elementos mais directamente ligados à dimensão litúrgica. Para esta fantástica obra remetemos, sem mais, e não alongaremos demasiadamente este texto.

¹⁵ A respeito desta passagem evangélica escreve Gianfranco Ravasi: “Até o próprio Jesus se deixa fascinar pelo divertimento, eventualmente frustrado, de um grupo de meninos que jogam na praça de uma qualquer

também na base de algumas representações medievais de Jesus-Menino como que brincando com o globo terrestre, numa alusão não só ao livro dos Provérbios, mas também ao Verbo criador do Prólogo joanino (Jo 1, 3). Depois, tal como a criação e a revelação, também a escatologia é considerada na perspectiva do jogo por alguns Padres, que referem a vida neste mundo como "pre+lúdio" da vida futura; nesse contexto, São Máximo o Confessor afirma que "a nossa vida, confrontada com a vida futura, divina, autêntica e arquetípica, não é mais que um jogo de crianças".¹⁶

3.2 - A Liturgia como "jogo" em Romano Guardini

A inclusão recente da "teoria do jogo" na Liturgia decorre da filosofia e estética romântica alemãs, pelo que "todas as teorias sobre o jogo sublinham o facto de este ser significativo

aldeia, e não se entendem acerca do tipo de jogo a adoptar: uns queriam mimar um festa de casamento dançando ao som de uma flauta, outros prefeririam imitar um funeral, chorando e lamentando-se" (GIANFRANCO RAVASI in *L' Osservatore romano* de 20 de Agosto de 2010, um texto apresentado como "Posfácio" ao referido livro de H. Rahner, p. 126).

¹⁶ Não está longe deste pensamento o conceito de Liturgia como antecipação da vida celeste tão cara a Joseph Ratzinger. Interessante ainda a afirmação do sisudo Lutero que apresenta a vida eterna nestes termos: "Então o homem jogará com o céu e com a terra, jogará com o sol e com todas as criaturas e todas as criaturas experimentarão um prazer, um divertimento, um amor imenso, e rirão contigo, Senhor" (in GIANFRANCO RAVASI, *ibid.*).

em si mesmo, enquanto, para o exterior, deve transparecer como inútil e sem qualquer fim”.¹⁷ É nessa linha de pensamento, um tanto restritiva, que se enquadra a ideia de *Liturgia como jogo* sugerida pelo liturgista Romano Guardini em *O Espírito da Liturgia*.¹⁸ Sabemos que a Liturgia da Igreja é o espaço do encontro com Deus, onde, por meio de sinais, gestos, símbolos, e por uma linguagem específica se fala das coisas de Deus e se traduz, na realidade do mundo terreno, a realidade das coisas eternas. Esta definição permite a Romano Guardini abordar a questão da Liturgia como “jogo”, entendendo o conceito de jogo no sentido da gratuidade, assente no facto de a acção litúrgica ser válida por si mesma e isenta de qualquer interesse que não seja o louvor de Deus.¹⁹

¹⁷ JÜRGEN MOLTMANN, *o. cit.*, p. 17.

¹⁸ ROMANO GUARDINI, *Lo Spirito della Liturgia*, Ed. Morcelliana, Brescia, 1930 (reed. 2005). (orig. *Vom Geist der Liturgie*). Foi publicado recentemente como *O Espírito da Liturgia*, Ed. Secretariado Nacional de Liturgia. Aborda a questão no cap. V, “La Liturgia come gioco”, p. 69-82.

¹⁹ Esta dimensão mais restrita do jogo, seguida por outros autores como Joseph Ratzinger, tem as suas bases no ambiente teológico e filosófico oitocentista alemão, a partir de Friedrich Schiller que dizia: “o homem só joga quando é homem no verdadeiro significado do termo, e só é inteiramente homem quando joga”. Tal afirmação entende-se no contexto de uma filosofia em que “na reflexão sobre o jogo vibra a nostalgia romântica e utópica pela simplicidade perdida ou ainda não encontrada do mundo infantil (...) unida à melancólica crítica cultural pela perda do infantil, do arcaico e do religioso no mundo moderno” (JÜRGEN MOLTMANN, *o.cit.*, p. 15). Por isso, “o interesse meramente estético pela liberdade do jogo não é contra-revolucionário como asseguravam os

Esta forma, um tanto restritiva, de entender a Liturgia na sua relação com jogo vai ser assumida por todos aqueles que, de uma forma ou outra, o seguiram, o citaram e citam ainda hoje. Mais tarde, porém, este autor haveria de abordar e aprofundar um pouco mais o tema num pequeno ensaio sobre a formação litúrgica de crianças e jovens intitulado “*O Homem e as Coisas*”.²⁰ No referido ensaio, Guardini, ainda que sem os identificar nem abordar de forma sistemática, vai apontando alguns elementos que ele considera fundamentais na formação de crianças e jovens em ordem à descoberta e vivência da dimensão simbólica da Liturgia. Segundo ele, a formação litúrgica deve ser fundamental e primariamente uma formação simbólica, pois não se trata “em absoluto de um saber ou de um aprender, mas de fazer partilhar à criança a experiência viva do processo da encarnação, da

encarnizados defensores da revelação” (*idem*. p. 16). Aldo Terrin comenta esta perspectiva guardiniana do jogo e da Liturgia contestando, cremos que com razão, os termos não muito próprios de “inútil” de “sem finalidade” ou “insignificante”, propondo conceitos como “auto-referencial” ou “auto- tético” (ALDO NATALE TERRIN, *o. cit.*, p. 38-39). Pelo mesmo motivo Odo Casel preferia falar de “participação” e “identificação” no sentido de que a relação do homem com o rito não é de ordem intelectual, mas de ordem afectiva; no rito, a pessoa “vê-se ao espelho”, aquilo acontece com ela, e ela identifica-se com a acção ritual. (Cfr. ODO CASEL, *Fede, Gnosi e Mistero*, EMP, Padova, 2001, Capítulo II). Estes conceitos são explicados também por Aldo Terrin (*o. cit.*, p. 73-75).

²⁰ ROMANO GUARDINI, *Liturgische Bildung* (trad. italiana: *Formazione Liturgica*, Ed. Morcelliana, Brescia, 2008).

transformação em símbolos, pelo que as coisas se tornam para o homem uma expressão de si mesmo”.²¹

Ora é neste contexto de formação que Guardini refere, ainda que não de forma explícita, os elementos do jogo social espontâneo. Quando ele escreve que “a figura se encontra num determinado ambiente, num espaço conscientemente formado, mobilado com móveis e adereços úteis e ornamentais”,²² de modo que “corpo, vestuário e alfaias facilmente se tornam para o homem meios singelos de auto-expressão”,²³ percebemos que se está a referir a um *imaginário*. Ao dizer a Liturgia se desenvolve num “um espaço fechado, arquitectonicamente conformado, no qual se inclui aquela quantidade de coisas que são adequadas ao espaço naquele momento”,²⁴ compreendemos que fala do *espaço*. “Mas acontece ainda qualquer coisa de diferente: – continua – este ambiente mal torna-se maior por medidas ou forma, desenvolve-se subordinadamente às exigências dos fins ou da habitação do homem (...) pelo que “este se sente estimulado por exigências às quais deve obedecer”,²⁵ ou seja, segundo

²¹ *Idem.* p. 93.

²² *Idem.* p. 75

²³ *Idem.* p. 76

²⁴ *Idem.* p. 76.

²⁵ *Idem.* p. 77.

regras. E assim, “tudo isto vale particularmente no campo religioso. Aqui temos as massas organizadas (falamos de *grupos*), “o espaço construído da casa de Deus, com os seus objectos de culto” (falamos novamente de *imaginário*), um espaço organizado com base em pontos de vista funcionais ao culto: átrio, presbitério, capela do S.S. Sacramento. Ali se cumprem as acções sagradas – entendemos *acção* – segundo cada tempo, compreendidas na plenitude das articulações temporais, com o seu ritmo de ano, estação, semana, dia e hora”.²⁶ Por isso mesmo, “a Liturgia fez sua toda a riqueza a partir destas possibilidades expressivas das coisas, do espaço e do tempo, na relação fundamental entre alma e corpo”.²⁷ “Daqui nasce aquela alta unidade de criatividade e obediência, de domínio e serviço a que São Bento chamava *opus Dei*. Nesta, a actividade criativa é procurada a partir do homem; todas as coisas se tornam matéria e instrumento de uma ordem mais elevada, a do mundo da vida cristã, renascida pela graça divina. Mas esta criação é, ao mesmo tempo, serviço disciplinado; não acontece de modo arbitrário mas com a obediência. Obedecendo às leis objectivas prescritas pelo próprio Deus – *regras* – por meio da revelação natural que nos fala da essência das coisas e por meio da revelação

²⁶ *Idem*. p. 79.

²⁷ *Idem*. p. 79.

sobrenatural em Cristo”.²⁸ Então, “quem não entende esta dimensão simbólica das coisas – diríamos, quem não entende este *jogo* – não sabe o que é a natureza.”²⁹ A Liturgia, pelo contrário, sabe-o bem e sabe também que estas mesmas forças convivem na própria alma”.³⁰

O pensamento de Guardini, particularmente o veiculado em *O Espírito da Liturgia*, foi, assumido por Joseph Ratzinger no livro *Introdução ao Espírito da Liturgia*,³¹ com o qual este teólogo prestava uma homenagem ao mesmo liturgista e pensador alemão, afirmando-se seu discípulo e continuador. Ali, o futuro Papa Bento XVI, embora não de forma explícita, aponta também alguns dos elementos do jogo, ao afirmar que, tal “como o jogo, também a Liturgia tem as suas próprias regras, constituindo o seu próprio mundo válido ao entrar

²⁸ *Idem.* p. 81

²⁹ Esta relação entre o jogo e a transfiguração da realidade como forma de cultura é tratada particularmente por Johan Huizinga: “Quando ele (o homem) perceber que o jogo se baseia no uso de determinadas imagens, sobre uma certa transfiguração da realidade, então procurará entender, antes de mais, o valor e o significado dessas imagens e dessa transfiguração. Procurará observar o seu efeito no próprio jogo e tentar compreender assim o jogo como factor da vida cultural” (JOHAN HUIZINGA, *Homo ludens*, p. 7).

³⁰ R. GUARDINI, *Formazione litúrgica*, p. 89.

³¹ JOSEPH RATZINGER, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, Ed. Paulinas, Lisboa, 2001.

nele, mundo que se dissolve naturalmente ao terminar”³². Efectivamente, “o rito – na sua abertura a mundos alternativos – representava aquele espaço que estava para além do que se pode dizer e consciencializar: correspondia e corresponde a uma espécie de morte iniciática e à ressurreição para uma vida nova onde, e por isso, tinha um efeito profundo sobre o crente. Hoje em dia já não há mundos imaginários, alternativos, e por isso não há vivências profundas. Por isso também as enormes possibilidades experienciais e lúdicas do rito se enfraqueceram consideravelmente”.³³ De modo idêntico ao jogo, também “a Liturgia nos conduz para fora do mundo dos objectivos quotidianos e das suas obrigações onde não há intenções, dispensando-nos por algum tempo de todo o peso do mundo do trabalho; o jogo seria quase um outro mundo, um oásis de liberdade, onde podemos deixar fluir por um momento o nosso ser”.³⁴

³² *Idem.* p. 9. Vemos que se refere às *regras* e, embora de uma forma não explícita, ao *imaginário*.

³³ ALDO NATALE TERRIN, *o cit.* p. 82, e continua: “A própria teoria da *performance* ritual, que hoje em dia se procura recuperar na sua relação com o rito e as várias formas rituais e lúdicas custa a ser recebida. O Ocidente, com a sua racionalidade, privilegiou sempre mais a palavra, a linguagem verbal, a qual, pela sua flexibilidade já não tem quase nada a partilhar com o rito, com a *performance*, com o jogo” (p. 83).

³⁴ O pensamento de Guardini e Ratzinger é seguido de perto por liturgistas como Julian Lopez-Martin, mas sem acrescentar nada de relevante (J.

3.3 - A Liturgia no contexto do “jogo social espontâneo”

Como disse anteriormente, foi o conhecimento e a actividade de formação sobre os elementos do jogo social espontâneo e a sua dimensão pedagógica, no contexto da actividade escutista, a despertar-me para a sua profunda ligação à Liturgia, seja como proposta metodológica de formação litúrgica seja como dinâmica de preparação das celebrações em contexto de formação.³⁵ De facto, falar da Liturgia como

LOPEZ-MARTIN, *En el Espiritu y la Verdad*”, Ed. Secretariado Trinitário, Salamanca, 2002, Vol. I, pág. 209 e Vol. II, pág. 241 e 282). No entanto, muitos autores – Roger Caillois, por exemplo – não aceitam a gratuidade como característica do jogo, nomeadamente quando entendem o jogo no sentido agonístico; apontam para o prazer, pelo menos como a grande motivação do Jogo (Cfr. ANTÓNIO CABRAL, *Teoria do Jogo*, Ed. Notícias, Lisboa, 1990, p. 27 e 72). O primeiro trabalho que conhecemos em que se procura uma sistematização da doutrina sobre a Liturgia como jogo é o de Aldo Natale Terrin que vimos referindo, e que surge apenas em 2014 muito depois da nossa reflexão sobre o tema. Esse trabalho conclui com uma pergunta: “Porque é difícil hoje compreender a Liturgia como jogo?”. E o autor responde no sentido de uma perda do representativo e do simbólico em nome de uma exagerada racionalidade; uma perda do sentido da vivência e da experiência e mesmo da ritualidade em nome da relevância dada à palavra, nomeadamente pela reforma conciliar. “Esta incapacidade de fazer experiências atingiu também o rito e o rito como jogo. Ao perder o sentido da experiência, o rito – como toda a cultura moderna – vergou-se para a pura reproposta da doutrina e traduziu-se, por conseguinte, cada vez mais em palavras e num processo de verbalização” (ALDO NATALE TERRIN, *o. cit.*, p. 82).

³⁵ Escrevi então uma série de reflexões, que aqui recuperei em parte, nos textos de apoio para os Cursos de Formação de Dirigentes, nomeadamente

um *jogo* é “como se a Liturgia nos convidasse a tornarmo-nos crianças perante o mistério e a verdadeira vida da qual nos aproximamos. A Liturgia seria então um modo de antecipação completamente diferente, uma espécie de pré-ensaio, um prelúdio da futura e eterna vida que, como refere Santo Agostinho, não é, ao contrário da nossa vida presente, tecida de necessidade e obrigatoriedade, mas sim da liberdade inteira de dar e oferecer. A Liturgia seria uma forma moldada da esperança que já neste momento desempenha a vida real como se fosse exemplo, sendo um ensaio para a vida verdadeira: a da liberdade e da proximidade de Deus e da abertura pura entre nós. Ela iria conferir à vida, aparentemente verdadeira, um sentido de liberdade, romper as obrigações, deixando entrar a luz do céu na terra”.³⁶

A Liturgia é o reflexo, em cada tempo, da História da Salvação e da acção de Deus no nosso mundo, uma acção que foi e é também um “jogo” de Deus com o seu povo, com a

o Curso de Directores de Formação (CDF), na área da *Animação da Fé*, em 2006, e também nos textos de apoio para o *Manual de Formação* para Assistentes, onde apresentei outras perspectivas do jogo nomeadamente numa hermenêutica bíblica.

³⁶ JOSEPH RATZINGER, *o. cit.* p. 10. “Segundo autores como Baudelaire, Rilke ou Benjamin – devemos confiar-nos ao anjo, à marioneta, ou à criança ou talvez ao saltimbanco para poder exprimir algo de original” (ALDO NATALE TERRIN, *o. cit.* p. 93).

humanidade.³⁷ A seriedade e a eficácia da Liturgia dependem também – tal como o jogo das crianças – da nossa capacidade em “seguir as regras”, assumindo cada um o seu papel no interior da assembleia em que participa, respeitar o sentido das realidades que se celebram e sobretudo interiorizar a mensagem que se vai transmitindo. A Liturgia oferece ainda aquele espaço de criatividade que torna o jogo mais vivo, interessante e aliciante, mas com a condição de não se alterarem nunca as suas regras, sob pena de descaracterizar ou destruir a sua eficácia; quer dizer, a margem de criatividade na Liturgia é definida pelas suas próprias regras.³⁸ Sabemos que “é possível unir uma normativa que assegure à Liturgia a sua identidade e o seu decoro a espaços de criatividade e de adaptação que a aproximem das exigências

³⁷ É conhecido o texto bíblico que fala da Sabedoria que brinca, ou “joga” quando Deus cria o mundo: “Dia após dia, eu estava presente e era o seu enlevo, jogando continuamente diante dele” (Cfr. Prov 8, 27-31). A este respeito ver JÜRGEN MOLTMANN, *o. cit.* p. 42, citando, entre outras, a história de Job cuja sorte depende de uma espécie de *jogo de apostas* entre Deus e o diabo.

³⁸ Aldo Terrin é o único autor que apresenta a relação entre os elementos do jogo e a Liturgia, mas refere apenas o *espaço* e as *regras* e não qualquer dos outros quatro; apresenta, por outro lado, mais três elementos que não coincidem com os que acabamos de referir, porventura importantes mas não pertencentes ao jogo social espontâneo: o “como se” ou “faz de conta” que são, afinal, a concretização propriamente dita do jogo. (ALDO NATALE TERRIN, *o. cit.*, p. 50-51).

expressivas das várias regiões, situações e culturas”.³⁹ Porém, é nesse espaço de criatividade, como no respeito pelas normas que lhe asseguram a sua identidade, que poderemos situar a Liturgia no contexto do jogo.⁴⁰ Mesmo quando estamos com grupos especiais, como crianças, jovens, grupos de âmbitos diversos da acção pastoral, em espaços diferentes como um campo de futebol, um monte ou uma praça, a Liturgia nunca pode deixar de ser “o exercício da função sacerdotal de Cristo, onde os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens e o Corpo Místico de Jesus Cristo - cabeça e membros - presta a Deus o culto público integral”.⁴¹

Para que tal aconteça, na Liturgia terão que verificar-se os seis elementos do “jogo social espontâneo”, apontados anteriormente, da forma que se pode verificar no quadro seguinte:

³⁹ JOÃO PAULO II, *Spiritus et Sponsa*, 2004, n. 15

⁴⁰ Note-se que este trabalho se insere na perspectiva mais teológica e antropológica do jogo, na sua relação com a ritualidade e a Liturgia, e não tanto no estudo de certas formas de performance litúrgica relacionadas com o teatro, a música e a dança, particularmente presentes na acultura medieval através dos chamados “dramas litúrgicos”, “sacre rappresentazioni”, “jeux” ou “mistères” (cfr. ALDO NATALE TERRIN, *o. cit.* p. 18). Não deixando de assinalar a nossa perspectiva, este autor vai mais pela outra, com um particular relevo dado ao teatro e à dança.

⁴¹ VATICANO II, *Const. “Sacrosanctum Concilium”*, n. 7

O JOGO SOCIAL ESPONTÁNEO	O JOGO ESCUTISTA	A INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA	A ACÇÃO LITÚRGICA
O jogo social é uma acção	O jogo escutista é uma actividade programada: um empreendimento	Jesus “Tomou o Pão, deu graças, partiu-o e distribuiu-o (Lc 22, 17)	A acção litúrgica é uma acção programada com objectivo definido a partir da História da Salvação
que se realiza num espaço	vivido num espaço: a natureza em raids, acampamentos, actividades...	“Ele vos mostrará uma grande sala no andar superior” (Lc 22, 12)	que se desenrola-se num espaço litúrgico, preordenado ou não, para tal: uma sala ou um campo
e se vive num imaginário	e inserida num ambiente singular que representa os sonhos e anseios da criança e do jovem: um imaginário	“Este cálice é a Nova Aliança do meu sangue que é derramado em favor de vós” (Lc 22, 20)	inserida num imaginário – que retrata os acontecimentos da História da Salvação – que nos conduz ao nível da vivência da fé por meio de uma simbologia e linguagem...
com a associação em grupos	realizada sempre em patrulhas com linguagem, simbologia e objectivos próprios	“Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco” (Lc 22, 14)	celebrado numa comunidade que compreende e vive essa linguagem, e simbologia: assembleia
onde todos desempenham papéis ou funções	onde as diferentes funções são distribuídas por todos os elementos conforme as diferentes actividades: a rotação	“Enviou Pedro e João” (Lc 22, 8)	onde cada um desempenha um determinado papel que pode variar: a participação litúrgica pelos vários ministérios e funções
sujeitos a determinadas regras	no cumprimento da Lei do Escuta e	“Fazei isto em minha memória”	e numa acção sujeita a regras que são

	completada com outras regras derivadas da progressão do escuteiro.	(Lc 22, 19).	a base do seu próprio significado e eficácia: a forma sacramental.
--	--	--------------	--

Da leitura deste quadro se deduz que, identificados os principais elementos do jogo social espontâneo podemos falar à vontade da Liturgia como um “jogo”. Nela se verifica a presença de todos os elementos do jogo social espontâneo, os quais nos ajudarão a salvaguardar a identidade e eficácia de uma celebração ou acção litúrgica. Como podemos verificar ainda, pelo quadro, o próprio Jesus seguiu o mesmo método na preparação da Última Ceia em ordem à instituição da Eucaristia, tal como nos vem narrada no Evangelho de S. Lucas (Lc 22, 7-20); nas indicações dadas aos discípulos em ordem à preparação, na organização da Ceia, nos gestos, Jesus segue o conjunto de elementos que constituem o jogo social espontâneo. Assim sendo, “a Igreja não deve envergonhar-se do carácter lúdico do seu culto, de muito do seu culto, pelo menos. A simbologia humaniza-o e torna-o atraente”.⁴²

4. Acção salvífica e o Jogo

Poderemos ainda ir mais longe: além de entendermos a Liturgia em termos de jogo poderemos assinalar algumas consequências ao nível metodológico e teológico. A Liturgia é

⁴² JOHAN HUIZINGA, *o. cit.* p. 24.

uma celebração da vida e da experiência de um Povo a quem Deus falou, convidando-o a entrar no Seu jogo, a seguir as Suas regras e preceitos, a fazer parte do Seu povo, a servi-Lo. A utilização da narrativa bíblica criando um imaginário, a repetição de determinados gestos, a organização e ministérios, a caracterização do espaço, tudo ajuda a criar as condições para uma acção com que entramos no jogo de Deus; *a Liturgia transforma-se no Jogo que nos prepara também para a “vivência da fé”*, para uma vida mais autêntica e rica, no seio da comunidade dos homens crentes e, mais ainda, para a verdadeira vida com Deus a que todos somos chamados. E poderíamos ir bem longe numa análise da narrativa bíblica enquanto elemento fundamental da acção litúrgica, mas não é este o lugar para tal.

Resumindo, a Liturgia apresenta-se como jogo, em quatro dimensões: 1) na medida da gratuidade com que a participação litúrgica se desenvolve; 2) na relação entre a acção litúrgica e o jogo social espontâneo; 3) enquanto expressão do próprio jogo de Deus com a humanidade na História da Salvação e 4) enquanto prepara e antecipa, de uma forma “lúdica”, a Liturgia celeste e a realidade futura da vida humana.

5. Conclusão

A relação entre a Liturgia e o Jogo acaba por dar também a este uma dimensão mais profunda no panorama da pedagogia

e mesmo na compreensão da linguagem bíblica, da simbologia e dos diferentes gestos e actividades, afirmando o próprio Jogo como verdadeiro lugar teológico, como elemento fundamental numa pedagogia da fé e enquanto ferramenta metodológica em ordem à preparação e vivência da Liturgia da Igreja. Por seu lado, o Jogo contribuirá para uma melhor compreensão da linguagem, dos textos, para uma acção litúrgica mais consciente e rica de significado nos seus gestos e atitudes, constituirá um enriquecimento dos diferentes tipos de linguagem utilizados na Liturgia, nomeadamente no seu apelo ao simbólico. O Jogo ajudará ainda à compreensão da Liturgia terrestre como ensaio e antecipação da Liturgia celeste onde os filhos dos homens poderão participar nas delícias da própria Sabedoria, entrando definitivamente no “jogo de Deus”.

Meadela, 31 de Janeiro de 2018

Jorge Alves Barbosa